



COLÉGIO MÃE DE DEUS

ENSINO MÉDIO

O HOMEM E O MEDO

Rafael da Fonte Lopes da Silva

Turma 301

Porto Alegre, Julho de 2009

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
1.1 Objetivo	4
1.2 Justificativa.....	4
2 O HOMEM E O MEDO	5
2.1 O medo e a história do homem	5
2.2 Afinal, o que é o medo?	7
2.3 A mídia e o medo	9
3 CONCLUSÃO.....	11
4 REFERÊNCIAS	13

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objetivo

Discutir a questão do medo da sociedade, desde o surgimento do homem até os dias de hoje, vendo como era visto pelas pessoas, suas conseqüências e formas como se apresentava, tendo como base a aula extra de 8 de abril de 2009.

1.2 Justificativa

O medo sempre esteve na vida não só dos homens, mas de todos os seres. É importante que haja uma discussão em torno deste assunto, pois ele é importantíssimo para compreender as influências feitas sobre as pessoas ao longo de toda a história.

2 O HOMEM E O MEDO

2.1 O medo e a história do homem

O homem sempre teve sua vida ligada ao medo. No início de sua existência, o medo era muito mais atrelado às coisas relacionadas aos instintos: medo de morrer, medo dos outros animais, medo dos fenômenos naturais (trovoadas, fogo etc.). E foi provavelmente a partir fatos como estes que o homem começou a indagar sobre a razão de sua existência: os primeiros traços de divindades de que se ouviu falar são relacionados a tais acontecimentos: o que homem via na natureza.

Com o início do período Neolítico, onde há o surgimento da agricultura e da pecuária, começa a aparecer a idéia de propriedade privada, e são necessários mais guerreiros para proteger o que se está produzindo. Assim, surge o medo do roubo, das guerras e, com o surgimento dos sacerdotes, os metafísicos que “falam com os deuses”, o temor da ira divina. Estes podem ser considerados verdadeiros controladores do comportamento das sociedades.

Com o advento das civilizações, começam a aparecer os medos relacionados às condições de vida: as instituições sociais surgem, criando nas mentes das pessoas a questão da participação nas decisões dos grandes grupos. Para defender seus interesses, os mais influentes na sociedade eram os que ocupavam um “status” superior, e traziam para o topo também aqueles mais próximos deles (amigos, parentes, pessoas em quem se tinha interesse). As diferenças sociais começam a se acentuar, surgindo uma hierarquia que colocava “trabalhadores” na base e os mais ligados ao pensamento, à “salvação” do povo no topo, com a nobreza e os sacerdotes, que controlariam tudo.

No período da Idade Média, na Europa, as pessoas tinham o medo do demônio, com a Igreja dizendo tudo o que devia ser feito para evitar as tentações terrenas e ter uma vida digna de salvação. Além disso, ela dizia que tudo o que acontecia na natureza e na vida das pessoas era pela “vontade de deus”. Assim, a sociedade acabou por se tornar estamental: todos viviam resignados com suas condições de vida, acreditando que, se seguissem seus “papéis” na sociedade da

“forma correta”, ou seja, como ordenava a Igreja, sustentando o feudalismo e sendo boas pessoas, teriam um “lugar no céu”.

Com toda esta imposição feita pela Igreja Católica, as pessoas realmente temiam a ira de deus e as tentações do demônio, e também do desconhecido (como no caso das grandes navegações, quando acreditava-se que havia criaturas demoníacas nos oceanos, e que poder-se-ia cair num abismo). Além disso, com a inquisição (que foi mais presente em países como a Espanha, por causa da proximidade com os árabes, em Portugal e na Itália, onde ficava a sede da Igreja Católica), a Igreja encontrou uma outra forma de fortalecer sua fé, com o medo das pessoas em relação ao que acontecia com os “infiéis” que ousassem infringir os dogmas católicos. Atualmente, sabe-se muito bem que o verdadeiro objetivo da Igreja com estas medidas neste período era manter seus fiéis, que poderiam ser “levados” a crer em religiões protestantes.

Com as muitas revoluções burguesas pela Europa contra o absolutismo monárquico, muitas coisas ocorreram, como a ascensão da burguesia ao poder, a divisão em três poderes em muitos lugares (sugerida pelo nobre francês Charles de Montesquieu), o fim da sociedade estamental, entre outros, que modificaram completamente a forma como as pessoas viam o mundo. Acreditava-se que dali em diante começaria um período de liberdade no mundo.

Com a Industrialização da Europa, a miséria trazida para muitas famílias pobres criou grandes problemas sociais, e o medo da falta de alimentos para tantas pessoas que vieram muitas revoltas contra a exploração pela classe burguesa. O economista inglês Thomas Robert Malthus, por exemplo, dizia que, enquanto a produção de alimentos na Inglaterra crescia em progressão aritmética, a população inglesa crescia em progressão geométrica, e faltaria alimentos para as pessoas.

Apesar da crença de que viria a paz após as lutas contra o absolutismo, veio a corrida Imperialista no século XIX, onde grandes potências como Inglaterra e França iniciariam uma luta por colônias para expandir suas indústrias para fora da Europa, por seu mercado já estar saturado, para esvaziar um pouco suas cidades abarrotadas de gente, evitando conflitos entre os europeus. O problema é que isso não foi suficiente para aliviar as tensões entre os países, e em 1914 estoura a Primeira Guerra Mundial (tendo os conflitos gerados pelo Imperialismo entre seus motivos).

Nesta e na Segunda Guerra Mundial, o mundo ficou abalado quanto ao que se via nos conflitos. As pessoas modificaram seus conceitos após o que viram. A figura de Hitler, um tanto quanto distorcida pelos americanos, havia assombrado o mundo por muito tempo. As batalhas eram muito fortes. A descoberta dos campos de concentração, verdadeiras indústrias da morte, abalou a todos, inclusive ao próprio povo alemão. Grandes pensadores, como Jean-Paul Sartre, foram sem dúvida influenciados por tudo isso: o medo da guerra e de suas conseqüências. Tanto que suas teorias o consagraram como um dos principais representantes do Existencialismo. E isso nos leva a entender o período da Guerra Fria: as pessoas a todo momento ficavam apreensivas quanto ao que iria ocorrer. Depois do uso das primeiras bombas atômicas, acreditava-se que uma Guerra Nuclear tinha chance de estourar a qualquer momento, trazendo o caos para o mundo. Tanto era assim que muitos filmes norte-americanos dos anos 80 mostravam um futuro apocalíptico para a humanidade, ou faziam menções aos russos como “do mal”. Era esse o principal tipo de medo da época.

Atualmente, os temores globais já são outros: a AIDS, a “Gripe suína”, os buracos negros no LHC, as ogivas atômicas da Coréia do Norte, os efeitos da crise mundial e do aceleração do efeito estufa etc. Assim, vemos que o “medo geral”, em cada período histórico é visto de forma diferente, dependendo do que está ocorrendo no mundo.

2.2 Afinal, o que é o medo?

O medo é algo que tomou diversas formas ao longo do tempo. Porém, até hoje é difícil discutir sobre uma definição decisiva, sem sombra de dúvidas, sem que haja uma generalização, sobre o que é o medo, já que ele é associado a muitas coisas diferentes. Depois de tanto discutir o que ele é, encontrei certas relações: o medo pode ter diversas origens diferentes, sendo a maioria delas no lado instintivo do homem. Por exemplo: o medo de morrer, o medo de se ferir, o medo de perder algum ente querido. Porém, não são apenas estes os medos do homem moderno. Existem outros que, de certa forma, são derivados destes, e que se formaram junto da sociedade: o medo da violência urbana, o medo de perder o emprego, o medo da doença, entre outros, que poderiam chegar a conseqüências semelhantes.

Após ver as várias formas de medo, conclui-se que o homem tem seus temores modificados ao longo da vida. Por exemplo: ao nascer, como não

conhecemos nada, sempre estamos alertas, tentando descobrir coisas novas. Isso faz com que possamos, nestes estágios iniciais, não gostar de certas experiências, já que estamos num processo de aprendizado para a própria vida. Um exemplo de medo nesta fase é o de coisas que vemos toda hora em filmes na televisão: bicho-papão, monstros do armário etc. Também pode-se ter medo de animais, como cães, gatos e outros, por serem maiores que nós e por não conhecê-los muito bem. Tentamos nos proteger de potenciais perigos.

Enquanto crescemos, nossos medos vão se alterando. Começam a aparecer novos temores, como o de morrer, o de ser assaltado, o de sofrer um acidente de carro, o de ver alguém da família morrer. As situações vão modificando o nosso pensamento, pouco a pouco. Começamos a perder os temores da infância, enquanto novos aparecem.

Ao chegarmos na adolescência, as coisas mudam mais um pouco: temos medo não ir bem na escola, de não passarmos no vestibular, de não conseguirmos entrar no mercado de trabalho, ficando sem rumo na vida. É a partir daí que começamos a ver como é ficar sem a ajuda dos pais, que vemos o porquê de suas preocupações quanto ao nosso futuro.

Quando estamos empregados e cheios de trabalho a fazer, podemos ter medo de não dar conta de tudo. Esta pressão, tanto psicológica quanto física, pode nos trazer medo, e aí entram problemas como o estresse, que podem refletir em problemas físicos. Ao se ter filhos, aparecem em nossas mentes os mesmos medos que nossos pais tinham por nós: queremos o máximo de segurança, felicidade e o melhor futuro possível para nossos filhos. Quando ficamos velhos, temos medo de ficar sozinhos e, quase sempre, mais medo ainda de morrer.

Assim, vemos que o medo pode vir de diversas formas, e que ele muda ao longo de nossa vida, assim como nossas responsabilidades e experiências também mudam. Além disso, muitos fatores quanto à época em que vive a pessoa influenciam na formação de seus temores. Mas ele sempre está relacionado à preservação de nossa integridade física e psicológica. Física no sentido de que queremos preservar nossa saúde, nosso corpo. Psicológica no sentido de cuidar dos nossos entes queridos (já que a companhia deles nos mantém unidos, confiantes com nossas decisões), de manter um padrão de vida, de ser feliz. A partir daí, pode-se elaborar uma espécie de definição para o medo: o medo é o sentimento que

permite ao ser humano tentar se prevenir tanto física quanto psicologicamente de algo que pode ameaçá-lo. Só que este medo, em muita quantidade, pode também se tornar um problema para a pessoa, pois pode desencadear uma série de doenças psicológicas. Um exemplo disto é o caso dos que participaram na guerra do Vietnã: até hoje muitos homens têm problemas relacionados ao que viram lá, pois eram muito novos quando foram para o exército. Por isso, o medo pode fazer parte da enorme quantidade de sentimentos que o homem possui, e deve receber atenção pelo seu nível de influência em nossas vidas.

2.3 A mídia e o medo

Os medos do homem sempre estão ligados às experiências dele, e a mídia tem um poder capaz de penetrar todas as faixas sociais, impondo padrões e modos de pensar. Isso pode representar uma forma completamente viável na introdução de medos e pensamentos na sociedade. Há tempos atrás, ela não era tão atuante quanto hoje. Antes, poderia ser uma espécie de mídia o trabalho feito pela Igreja Católica, que aproveitava-se da ignorância do povo pouco ligado à cultura. Hoje, cada vez que ligamos a televisão, por exemplo, nos deparamos com alguma notícia de assassinato ou de morte no trânsito, ou alguma propaganda de um produto. Todo mundo tem medo de simplesmente ir para a rua, pois pode ser assaltado, algo que tempos atrás, com a mídia com menos tecnologia, não acontecia. Todos têm medo do aquecimento global, e de suas conseqüências. Todos estão indignados com os políticos corruptos que a todo momento são revelados.

Só que, se as pessoas pensarem bem, a mídia pode ser uma ferramenta das elites. Os donos dos meios de comunicação têm muito dinheiro em jogo, e querem fazer de tudo para prender nossa atenção, trazer-nos uma maneira de pensar que condiz com seus interesses. É só ver na rua: marcas famosas são as preferidas pelos consumidores. Pessoas falam de outras famosas, de novelas, das notícias em geral. Agora, com tantos avanços, muitas notícias em qualquer lugar também são divulgadas instantaneamente em todo mundo, e cada vez mais informação nos é passada. Antes, Michael Jackson era um prato cheio de polêmicas; agora, com sua morte, muitas notícias surgem dizendo que foi grande pessoa durante sua vida.

As pessoas, obviamente, têm de cuidar com o que vêem na televisão, pois o que nos é passado dificilmente não vem junto de uma opinião, uma mensagem a mais a ser passada pelo dono do veículo de comunicação. Fala-se muito dos crimes

que ocorrem, do tráfico de drogas e tudo, como se fosse a pior coisa do mundo. Mas também poucas vezes se fala das origens de tudo isso, do outro lado da história: o porquê das coisas serem assim. Quem disse que só porque é ladrão um homem deve ser completamente discriminado? E quanto ao governo, que não consegue atender a toda população com ensino de qualidade? E quanto às pessoas preconceituosas que pouca atenção lhe dão? E quanto aos seus pais, que pouco puderam guiar seu rumo? São muitas as faces das notícias, que não nos são mostradas.

3 CONCLUSÃO

O medo na questão da morte e do sofrimento foi capaz de despertar um sentimento de angústia no ser humano: como é que será a vida após a morte, se é que ela existe? Por que estamos neste mundo? Possivelmente é por razões como estas que o homem criou coisas como a religião: uma forma ilógica de explicar o porquê de tudo que acontece neste mundo sem respostas. Se não fosse a religião, a angústia certamente viria implacável sobre as pessoas, que não saberiam como viver sem um sentido para a vida. O que poderia nos garantir de que continuaremos a existir após a morte?

Obviamente, gente mais “esperta” pode ter percebido que havia este problema a ser resolvido entre as pessoas. Elas poderiam dizer que eram capazes de se comunicar com os deuses, ou algo do tipo. Aí surgem os sacerdotes. Mas não estou querendo dizer que isso tenha sido ruim. Em muitos momentos a religião foi importante para disseminar valores bons entre as pessoas. Só que, obviamente, nem sempre foi assim: é só ver a Igreja Católica do último milênio. Ela pregava que o lucro era algo ruim para as pessoas, mas ela própria foi uma das mais poderosas instituições no período, encontrando através da simonia uma forma de enriquecer às custas da fé das pessoas. Este é um dos casos onde o medo foi utilizado para controlar as pessoas – uma espécie de mídia, só que na “era” medieval.

Falando em mídia, esta atualmente mostra-se muito poderosa na tarefa de trabalhar a mente das pessoas. Cada vez mais técnicas de passar informações adiante são criadas. Só que até agora eu quase que só vejo avisos quanto à criminalidade e à violência na televisão. Notícias que deixam o povo todo apavorado. Creio que se realmente a televisão tem tanto poder, este deveria ser utilizado principalmente para trazer cultura para as pessoas. Poderia haver mais canais de ensino abertos ou algo assim, de modo a passar as virtudes mais compatíveis com uma sociedade à qual o Brasil quer chegar. Deveriam haver mais campanhas de conscientização do povo para melhorar nossa situação, tentando mostrar a importância da ajuda de todos para que tenhamos um país melhor.

O medo é, além de uma proteção natural não só do homem, mas de muitos animais também, que permite uma proteção. No caso do homem, o medo lhe permite uma reflexão quanto às melhores decisões a serem tomadas – apesar de isso nem sempre ocorrer. É o caso, por exemplo, do México: as autoridades mexicanas demoraram quase um mês para avisar sobre o surto da nova gripe. E não é muito difícil perceber o porquê: tinham interesses no turismo, e acabaram por tentar resolver este problema sem muito alarde, com medo de perder dinheiro. E, agora, vimos no que se transformou este caso: num medo global. Apesar de que, “incrivelmente”, esta gripe pode ter começado nos Estados Unidos.

É importante cuidar com o medo: ele pode ser tanto algo que não tem qualquer fundamento, que seja um simples temor, como também pode ser algo de grande importância, que venha com uma situação que exige o controle emocional da pessoa. Também, pode ter sido inculcado por algum agente exterior, como se viu na Idade Média. Hoje podemos pensar que as pessoas naquela época eram ignorantes por pensar daquela forma. Realmente, muitas eram, pois a cultura não chegava a todos europeus. Só que até mesmo muitas pessoas inteligentes sucumbiam aos dogmas rígidos da Igreja. Poucos, no início, foram contra esta situação, mas aos poucos as coisas mudaram. Quem pode garantir que este mesmo tipo de coisa não está acontecendo agora, conosco? Podemos estar sendo coagidos inconscientemente a tomar muitas decisões que pouco nos ajudam, e que melhoram as coisas para outros. São muitas coisas para se discutir em outros momentos.

4 REFERÊNCIAS

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imperialismo>. Acesso em: 12 de maio de 2009; 18:55.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Medo>. Acesso em: 12 de maio de 2009; 19:01.

<http://www.brasilecola.com/psicologia/medo.htm>. Acesso em: 12 de maio de 2009; 19:06.

<http://blogs.utopia.org.br/levi/2004/09/16/a-midia-e-o-medo/>. Acesso em: 12 de maio de 2009; 19:11.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Paul_Sartre. Acesso em: 12 de maio de 2009; 19:23.